

RESENHA DE *BIOGRAFIA LITERÁRIA*, DE LUCIANO DE SAMÓSATA

A REVIEW OF LITERARY BIOGRAPHY, BY LUCIAN OF SAMOSATA

Rafael Guimarães Tavares
Silva*

* gtsilva.rafa@gmail.com
Doutorando no programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (POSLIT) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A obra de Luciano de Samósata, embora fundamental para quem se interesse por uma série de tópicos importantes dos Estudos Literários, da Filosofia e da História, permanece praticamente desconhecida fora do campo mais restrito – ainda que fundamentalmente transdisciplinar – dos Estudos Clássicos. É certo que seus escritos vez por outra chamam a atenção de quem por ventura se depare com algum de seus muitos legatários, naquilo que se convencionou chamar de tradição luciânica. Contando nomes não menos célebres do que os de Erasmo de Roterdão, Thomas Morus, François Rabelais, Jonathan Swift, Laurence Sterne, Voltaire, Machado de Assis e Dostoiévski, essa tradição foi reconhecida e explorada por Mikhail Bakhtin, num livro bastante conhecido no Brasil, ainda que tal fato não tenha sido o bastante para reverter esse profundo

desconhecimento da obra de Luciano entre o público não especializado.¹

Levando em conta essa situação, um nome importante dos Estudos Literários e Clássicos, Jacyntho Lins Brandão, inicia sua obra dedicada à poética de Luciano com as seguintes palavras:

Este livro trata de um (des)conhecido escritor *pós-antigo*. Ilustre, sem dúvida, mas cuja obra tem atravessado os séculos marginalmente. Isso é válido tanto para a Modernidade, quanto para a própria Antiguidade. Por isso, o que sabemos com certeza sobre Luciano de Samósata é muito pouco, apenas o que essas três palavras transmitem: que tinha um nome latino e era natural da Síria. Tudo indica que viveu no segundo século de nossa era (de cerca de 125 a após 181),

1. BAKHTIN. *Problemas da poética de Dostoiévski*.

tendo atingido a maturidade como escritor provavelmente sob o reinado de Marco Aurélio (que se estende de 161 a 180 d.C.). No mais, somente conjecturas da crítica, que se esforça em depreender de seus textos dados sobre a sua vida, correndo assim o risco de confundir a pessoa com suas personagens.²

No intuito de se contrapor a essa tendência geral ao desconhecimento da obra de Luciano, Brandão traz recentemente ao público mais um importante título com as traduções de vários de seus textos, fazendo-as preceder de uma breve e contundente introdução. Trata-se da obra *Biografia literária*, publicada em 2015. Antes, contudo, de entrar nas especificidades dessa publicação, vale a pena tirar alguns instantes para considerar a posição de seu organizador no campo dos Estudos Literários e das Humanidades em geral.

Jacyntho Lins Brandão já é figura bastante conhecida do público leitor, e em especial do acadêmico, contando – além de algumas obras ficcionais – incontornáveis estudos sobre grego antigo, poética, ficção, teoria do romance, tradição e memória cultural, dos quais cabe destacar: *A Poética do Hipocentauro: Literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*, publicado em 2001; *Antiga Musa: arqueologia da ficção*, de 2005 (e uma segunda edição de 2015); *A invenção do romance*, de 2005; a tradução e o estudo

de *Como se deve escrever a história* de Luciano, publicado em 2009; *Em nome da (in)diferença: O mito grego e os apologistas cristãos do segundo século*, de 2014. Nessas obras, o estudioso alia profundo rigor conceitual a uma exposição leve e bem humorada, tecendo sugestivos diálogos com a contemporaneidade, de modo a manter o entusiasmo do leitor sempre aceso. Como se a amplitude desse leque de interesses já não fosse vasta o bastante, Brandão tem se dedicado ao estudo de civilizações antigas do Médio Oriente e um primeiro fruto dessas pesquisas é sua tradução comentada da *Epopéia de Gilgámesh* (composta por Sin-léqi-unnínni), publicada em 2017 como a primeira versão em língua portuguesa traduzida diretamente do acádio.

No interior do vasto e complexo *corpus* de Brandão, o lugar ocupado por Luciano de Samósata tem destaque especial. Escrevendo num período tradicionalmente considerado pelos especialistas dos Estudos Clássicos como de franca decadência – em termos socioculturais –, o autor “pós-antigo” apresenta uma perspectiva irreverente com relação aos ditames da poética clássica, desenvolvendo uma escrita *ficcional* e profundamente *crítica* de sua própria sociedade. O que interessa de modo especial a Brandão é justamente essa dupla dimensão que se dá a ver em sua escrita, como fica claro quando o estudioso afirma o seguinte:

2. BRANDÃO. *A Poética do Hipocentauro*, p. 11.

No fundo, o que faz da obra de Luciano um objeto permanente de interesse é a possibilidade de acompanhar como se processa nela uma autêntica *descoberta da ficção*, que consequentemente define um estatuto não só para o discurso, como também para o escritor e o leitor. São as etapas dessa descoberta que pretendo acompanhar nas páginas que seguem, tentando ultrapassar as dicotomias (ou esquizofrenias) a que a crítica tem submetido Luciano, ou seja: desejo ressaltar como a ficção, entendida como um *discurso de alteridade*, justamente por isso se presta à crítica aos mais diversos aspectos da cultura e da sociedade; portanto, falar de ficção supõe sempre falar de sociedade e cultura, como pretende esclarecer o subtítulo do livro, cujo título, além de *A Poética do Hipocentauro*, poderia ser também *Um Estrangeiro nos Livros, Da Pura Liberdade* ou *Luciano Pensador da Cultura*.³

Numa coerência intelectual rara em pensadores com tão vasto leque de interesses, essas mesmas palavras – que encerram a introdução de seu estudo sobre Luciano publicado em 2001 – animam ainda o espírito da obra mais recentemente organizada por ele, *Biografia literária*, de 2015. Como o próprio título parece sugerir, ela consiste numa coletânea com os escritos em que os traços mais evidentemente biográficos da obra literária de Luciano se dariam a ver. Não se trata, contudo, de ceder aos riscos da “ilusão biográfica” – contra a qual o estudioso chama a atenção

de modo incansável em sua introdução –, mas sim de reconhecer um aspecto importante dessa escrita, demonstrando de que modo tal aspecto pode ter implicações sobre uma leitura crítica das propostas do autor.

É com vistas a isso que Brandão cunha a expressão “biografia literária”. Atento às novas discussões sobre escrita de si, autoficção e lugar de fala, o estudioso admite a possibilidade de identificar a dimensão autobiográfica de certos escritos luciânicos, mas evita ceder aos riscos do curto-circuito argumentativo que consiste em usar a obra para interpretar a biografia e a biografia para fundamentar a mesma interpretação da obra. Nesse sentido, ele esclarece o seguinte:

Podemos dizer que é a noção de responsabilidade que se aplica ao poeta antigo que faz com que ele não possa reduzir-se ao estatuto do narrador moderno ou de um incerto e romantizado “eu poético”, constituindo uma entidade encarnada no *corpus* textual, que aliás é a única encarnação de que dispõe. É nesse sentido que aqui se fala de biografia literária de Luciano, a qual não se confunde com o que poderia ser ou ter sido uma biografia de Luciano, mas também não dissolve o quanto a literatura de Luciano tem de biográfica. O que interessa é reconhecer esse traço um pouco espalhado por toda parte pelo *corpus* luciânico, que leva a que se entenda – contraditória ou talvez complementarmente – ora que

3. BRANDÃO. *A Poética do Hipocentauro*, p. 27.

4. BRANDÃO. *Introdução*, p. 15-16.

a vida está visível sob a pele delgada do texto, ora que não se mostra ela senão com extrema avareza.⁴

Ainda que o enfoque da abordagem de Brandão tenha se deslocado – de uma recusa básica de se levar em conta a dimensão biográfica da escrita de Luciano, para a admissão de sua importância –, a compreensão básica acerca das relações entre esse pensador, sua escrita e sua sociedade permanece fundamentalmente a mesma. Todos os textos reunidos nesse volume dão a ver o viés crítico assumido por Luciano perante a cultura de sua época: deslocando frequentemente a perspectiva naturalizada de seu público, esse autor esboça várias situações e delinea uma série de considerações em que a condição humana aparece em sua dimensão mais criticável, naquilo que suas instituições têm de paradoxal e questionável.

Para levar a cabo o processo de traduzir – coerentemente e bem – um número considerável desses textos, o organizador conta com uma equipe de gabaritados estudiosos: Pedro Ipiranga Júnior, Cassiana Lopes Stephan, Priscila Caroline Buse (responsáveis pela tradução de “Carta a Nigrino”), Douglas Cristiano da Silva (“Sobre o fim de Peregrino”), Daniel Gomes Bretas (“Alexandre ou o falso profeta”), Olimar Flores Júnior (“Vida de Demônax”), Lúcia Sano (“Das narrativas verdadeiras”), Flávia Freitas Moreira

(“Hércules”), além do próprio Jacyntho Lins Brandão, que assina a tradução de “Sobre o sonho ou vida de Luciano”, “Epigrama 52”, “Zêuxis ou Antíoco”, “Ao que disse: você é um Prometeu em seus discursos”, “Assalariados”, “Apolo-gia” e “Dioniso”. Como se vê, trata-se de um *corpus* bastante amplo e diversificado das obras de Luciano a partir das quais é possível falar de uma “biografia literária” do autor.

Em cada um desses textos o leitor vislumbra uma série de quadros que oferecem “um saboroso panorama da vida romana na segunda metade do segundo século”.⁵ Luciano mostra-se um escritor consciente de suas escolhas, dotado de grande verve contra tudo o que considera indigno das pessoas de seu tempo, sobretudo de homens cultos (isto é, *pepaideuménoi*), sendo de se notar que ele escreve justamente para esse público cultivado e não tem a menor condescendência com aqueles que tiveram acesso à *paideía*, embora não demonstrem um comportamento com isso condizente. Da perspectiva adotada por ele, o intelectual – seja ele historiador, filósofo, orador, poeta ou prosador – deve ser alguém

sem medo, incorruptível, livre, amigo da franqueza e da verdade; como diz o poeta cômico, alguém que chame os figos de figos e a gamela de gamela; alguém que não admita nem omita nada por ódio ou por amizade; que a ninguém

5. BRANDÃO. *Introdução*, p. 27.

poupe, nem respeite, nem humilhe; que seja juiz equânime, benevolente com todos a ponto de não dar a um mais que o devido; estrangeiro nos livros e apátrida, autônomo, sem rei, não se preocupando com o que achará este ou aquele, mas dizendo o que se passou.⁶

Na linha do que ficou sugerido por essa breve resenha, tais palavras poderiam ser empregadas em sua literalidade para descrever o próprio Jacyntho Lins Brandão, seja como professor, pesquisador, escritor, tradutor ou estudioso, revelando o nível de integração que o próprio Luciano exigia entre as dimensões éticas, profissionais e pessoais da vida humana. Nesse sentido, os pensamentos desses dois autores se desdobram a partir de um conjunto de textos cuja importância é incontornável para a formação dos mais variados leitores contemporâneos, entre amadores, críticos, universitários, teóricos, filósofos, historiadores e classicistas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **Antiga Musa**: arqueologia da ficção. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Relicário, 2015.

_____. **Em nome da (in)diferença**: O mito grego e os apologistas cristão do segundo século. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

_____. Introdução. In: LUCIANO. **Biografia literária**. Organização Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 12-29.

_____. **A invenção do romance**: Narrativa e mimese no romance grego. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

_____. **A Poética do Hipocentauro**: Literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

LUCIANO. **Biografia literária**. Organização Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

_____. **Como se deve escrever a história**. Texto, tradução, notas, apêndices e o ensaio "Luciano e a história" por Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.

SIN-LÉQI-UNNÍNNI. **Ele que o abismo viu**: epopeia de Gilgámesh. Tradução do Acádio, introdução e comentários Jacyntho Lins Brandão. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Recebido em: 23-11-2018.

Aceito em: 29-04-2019.

6. LUCIANO. *Como se deve escrever a história*, p. 41.